

Povoamento da Pré-História recente na Arrábida: novos dados

Leonor Rocha^{} e Rosário Fernandes^{*}*

Resumo:

Após muitas décadas de investigação e trabalhos arqueológicos na região da Serra da Arrábida, que permitiram evidenciar o seu potencial arqueológico e paisagístico o seu conhecimento, em termos globais, ainda é relativamente escasso. De facto, desde o seu início, que a investigação arqueológica, nesta área, tem passado pela intervenção de alguns sítios emblemáticos, como é o caso da Lapa do Fumo e da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), do povoado de Chibanes (Palmela) ou das grutas artificiais da Quinta do Anjo (Palmela), tornando-a conhecida a nível internacional. Os projectos de investigação desenvolvidos nas últimas décadas nesta área permitiram ampliar substancialmente os dados conhecidos sobretudo no que diz respeito à Pré-história recente. Neste trabalho apresentam-se um conjunto de sítios identificados pelas signatárias nos últimos anos que vêm trazer novos dados sobre este período, sendo de realçar o registo de novos sítios mesolíticos.

Abstract:

Many decades of archaeological research in the region of the Arrábida, has permitted know their archaeological and landscape potential, but in overall is still relatively scarce. In fact, since the beginning of archaeological research in this area that has implement archaeological excavations of some iconic sites, such as Lapa Fumo and the Roça Casal Meio (Sesimbra), the village of Chibanes (Palmela) or artificial caves of Quinta do Anjo (Palmela), making it known internationally. The research projects developed in the last decades in this area allowed substantially expand the information known especially with regard to the Prehistory. In this work, we present a set of sites identified in recent years in this landscape bring was new data about this period, particularly the registration of new Mesolithic sites.

^{*} CHAIA, Universidade de Évora

INTRODUÇÃO

A investigação arqueológica na região da Serra da Arrábida (Fig. 1) inicia-se na segunda metade do século XIX com Carlos Ribeiro (Ribeiro 1866) que, em 1866 realiza trabalhos arqueológicos nos hipogeus da Quinta do Anjo e identifica o Castro da Rotura. Sucede-lhe António Costa Marques que identifica vários sítios arqueológicos, da Pré-história ao romano. A terceira fase de investigação na região será da responsabilidade de Eduardo Cunha Serrão que, embora centrada mais na região sesimbrense, evidenciará a presença dos contextos funerários em cavidades naturais na Pré-história recente, como a Lapa do Fumo (Serrão 1958; 1959; 1967; 1970; 1971; 1975; 1978a,1987b; 1979; 1994). Em simultâneo decorre a elaboração da folha geológica de Setúbal (Zbyszewski *et al.* 1965) da qual resulta, igualmente, a identificação de novas estações arqueológicas, como a Roça do Casal do Meio e o estudo de outras já conhecidas.

Na década de 60, do século XX, o Castro da Rotura volta a ser objecto de estudo por parte de Carlos Tavares da Silva (Silva 1971) e também por Victor dos Santos Gonçalves (Gonçalves 1966; 1971). Nas décadas subsequentes o primeiro, em colaboração com Joaquina Soares, realizou inúmeras escavações em sítios arqueológicos, da Pré-história ao romano, tendo igualmente identificado novos sítios arqueológicos (Silva e Soares 1986; 1997; Soares 2003; Soares e Silva 1975; Soares *et al.* 1979). No final do século XX, João Luís Cardoso, estuda e publica o espólio arqueológico da Lapa do Bugio (Cardoso 1990; 1991; 1992; 2000) bem como escava e estuda a Lapa da Furada (Cardoso 2000; Cardoso e Cunha 1995), é ainda este investigador que na última década deste século tem vindo a realizar trabalhos arqueológicos e o estudo do Castro do Outeiro Redondo, Sesimbra (Cardoso 2010a; 2010b).

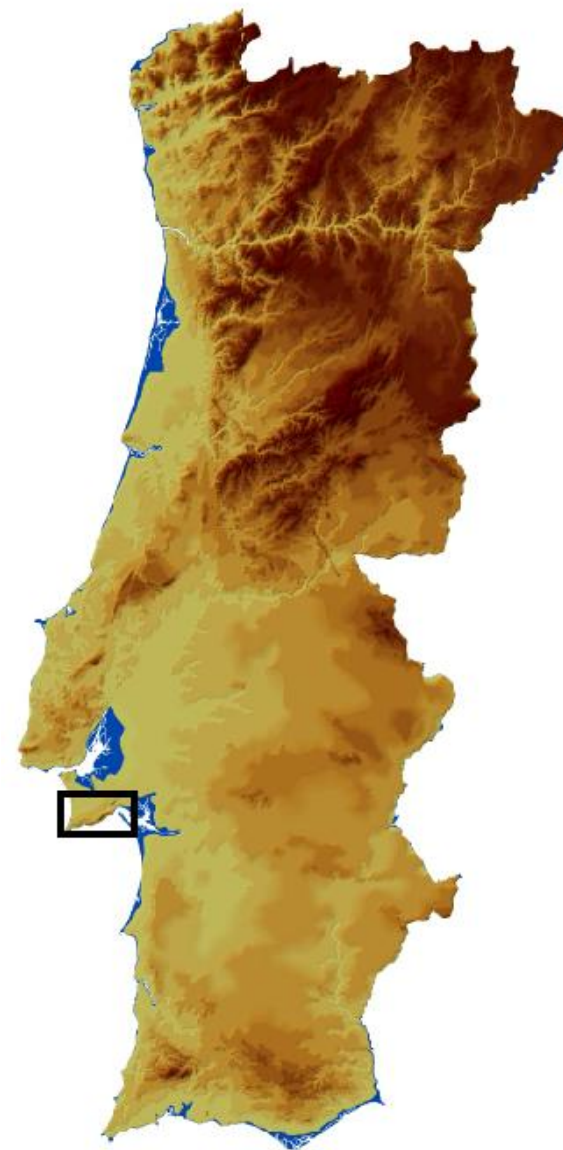


Fig. 1.— Localização da área de estudo

No início do século XXI as signatárias iniciam um estudo, centrado primeiramente do planalto do Espichel impulsionado pelas descobertas espeleológicas que aí ocorriam com os trabalhos do NECA e que permitiu identificar vários contextos arqueológicos em grutas naturais. No terminus da primeira década deste século realiza-se um novo projeto, no âmbito do levantamento para a nova Carta Arqueológica de Sesimbra (AAVV 2009) que alargará o número de sítios arqueológicos, num território limítrofe da Arrábida.

Na historiografia arqueológica portuguesa, a Arrábida ocupa, como se viu, um lugar de destaque, os trabalhos arqueológicos realizados nesta área permitiram evidenciar o seu potencial arqueológico, paisagístico e o seu conhecimento, em termos globais na Pré-história recente, tornando-a conhecida a nível internacional.

A investigação realizada tem vindo a confirmar a existência de um povoamento em áreas bem definidas do ponto de vista cronológico: 1) para o Paleolítico e Mesolítico, temos uma ocupação nas áreas litorais (arribas) e em ambiente estuarino, respetivamente; 2) o povoamento do Neolítico antigo encontra-se presente, essencialmente nas encostas mais suaves ou em vastas plataformas, a menos de 5 km da costa; 3) a fase seguinte, Neolítico médio/final, está melhor documentada, com uma rede de povoamento que apresenta algumas semelhanças com o interior alentejano, com povoados abertos e/ou, localizados em áreas com boas condições naturais de defesa; 4) a fase seguinte, do Calcolítico, caracteriza-se pela preferência por locais mais elevados e com boas condições naturais de defesa ao que se soma a construção de sistemas defensivos. Alguns destes sítios são reocupados em épocas posteriores, nomeadamente durante a Idade do Bronze.

Em termos de necrópoles, verifica-se uma quase exclusiva utilização das grutas naturais desta área, para além da construção de alguns hipogeus. Monumentos megalíticos apenas se conheciam um (comprovado por escavações arqueoló-



gicas), a Roça do Casal do Meio, não obstante existir o registo, na toponímia local, do termo “Anta” que nos sugeria a presença deste tipo de monumentos. No decorrer deste trabalho foi identificado outro provável monumento megalítico.

Fig. 2.— Vista da costa, na área das grutas

1. A PAISAGEM

A Serra da Arrábida e área envolvente, constitui pelas características do seu relevo um espaço único, que congrega diferentes tipos de paisagens, num amplo espaço entre o mar, a serra e os rios Tejo e Sado, é composta por uma série de montanhas com uma extensão se cerca de 35 km (Fig. 2). Em traços muito gerais é ao nível geológico formada por sequências sedimentares carbonatadas e mar-

gosas por vezes intercaladas com unidades detríticas do Mesozóico, sobre estas sobrepõem-se outras formações, sobretudo detríticas ou carbonatadas de ambientes marinhos, de idade Cenozóica (Ribeiro 1937; Marçal e Martins 2005). Nas formações carbonatadas das Bordaduras Ocidental e Meridional ocorre a formação de um grande número de grutas e abrigos (Real 1987). A Arrábida apresenta do ponto de vista da geologia, uma grande diversidade e complexidade, com falhas normais, acidentes tectónicos, deformações, cavalgamentos, anticlinais, entre outras (Marçal e Martins 2005). Quanto ao coberto vegetal, a flora da Arrábida conjuga três tipos distintos: a atlântica, a mediterrânica e a macaronésia – flora típica das ilhas do Atlântico, dos Açores a Cabo Verde. Esta diversidade atesta o seu valor científico e natural pelo que foi criado um Parque Natural da Arrábida, que engloba uma parte dos concelhos de

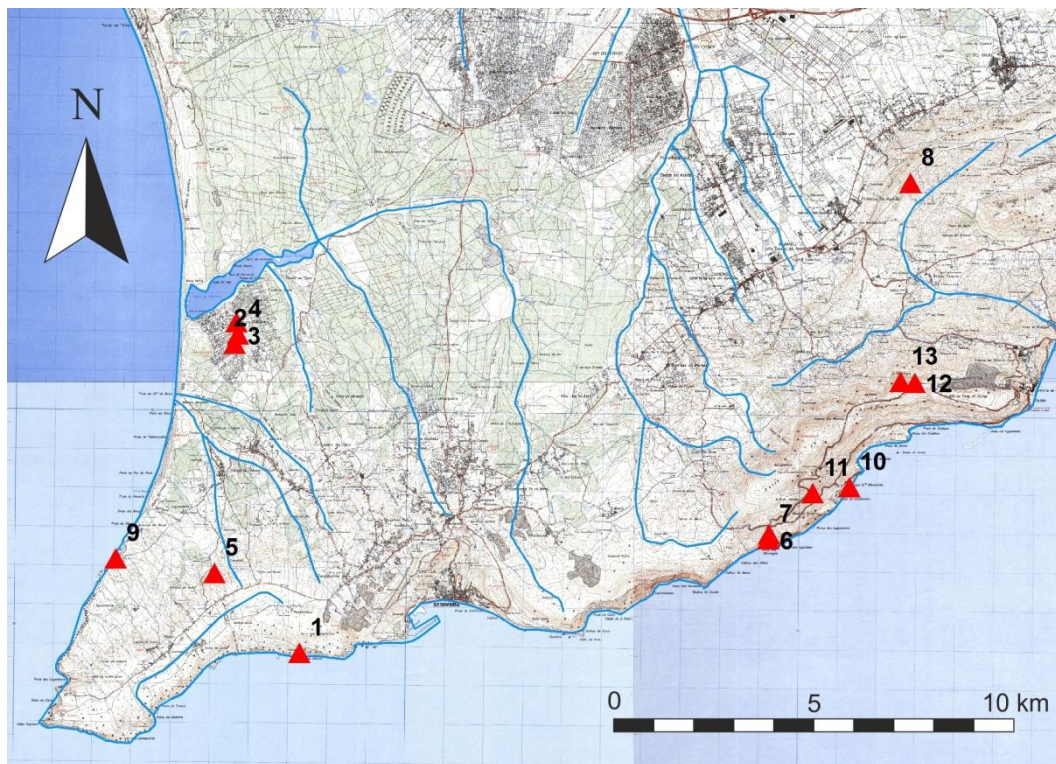


Fig. 3. — Novos sítios identificados

Sesimbra, Setúbal e Palmela, e a sua inclusão na Rede Europeia de Reservas Biogenéticas (Conselho da Europa). Nas áreas mais altas e agrestes predomina a vegetação espontânea, própria das áreas calcárias, enquanto nos vales interiores e planícies circundantes, predominam as charnecas e os pinhais, bem como alguma agricultura (*Ibidem*). Nas Memórias Paroquiais de 1758, refere-se que a produção desta região era, à época, o vinho e o azeite, com maior abundância, pouco trigo, algum milho e feijão e, em relação aos frutos, que existia de tudo um pouco, mas com maior abundância, os abrunhos.

A diversidade natural presente na Arrábida e a sua implantação no território nacional, poderia ter transformado este território numa fronteira, contudo tem-se revelado antes como uma área de convergência, de acordo com a diversidade presente no registo arqueológico.

2. GRÃO A GRÃO...

O Projecto de Investigação “Estudo do povoamento da Serra da Arrábida e área envolvente: Contributo para o seu conhecimento na Pré e Proto-história” que decorreu entre 2009 e 2011, visava dar continuidade aos trabalhos anteriormente desenvolvidos pelas signatárias, através da realização de algumas prospecções arqueológicas, com vista à identificação de novos sítios arqueológicos nos concelhos de Setúbal e de Sesimbra e, simultaneamente, proceder a escavações arqueológicas em alguns sítios seleccionados. Alguns destes objectivos foram conseguidos outros, passaram para o novo projecto, iniciado em 2012.

Os dados obtidos nos trabalhos realizados permitiram ampliar o conhecimento que se tem desta área, nomeadamente no que concerne à Pré-história recente (Fig. 3). No entanto, apesar deste projecto se centrar nos períodos pré e proto-históricos, é entendimento da equipa que se devem registar todos os sítios

identificados, pois poderão vir a ser úteis a outros investigadores e/ou no âmbito de projectos de AIA. Assim sendo, foram elaboradas diferentes fichas de registo, para dar resposta a outros patrimónios, mormente o Património arquitectónico. Neste caso, tomou-se como referência o KIT 01 (Versão 01) de Património (Dezembro de 2008) do IGESPAR e IHRU. Estes sítios, por não se enquadrarem no âmbito deste trabalho, não serão referenciados.

2.1. Os novos dados

Das fichas anteriormente referidas consideramos aqui apenas os campos que consideramos essenciais: 1) Designação; 2) Localização geográfica; 3) Tipo; 4) Período Cronológico; 5) Descrição; 6) Espólio e 7) Bibliografia.

Todas as coordenadas foram obtidas no Sistema WGS 84 e posteriormente convertidas para georeferenciação.

Sítio 1: Praia da Cova da Mijona

Concelho: Sesimbra / **Freguesia:** Sesimbra / **Lugar:** Cova da Mijona.

Coord: M: 111469.07; P: 163077.67/ **Altitude:** 3 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 464.

Tipo de Sítio: Mina (?)

Período Cronológico: Indeterminado.

Descrição do sítio: Caverna escavada na rocha com cerca de 3 m de comprimento x 2 m de altura e 1 m de largura. Actualmente preenchida com entulhos e lixo recente. Poderá tratar-se de uma antiga mina. O sítio encontra-se na praia do Penedo, aberto na falésia do lado oeste. Escasso domínio visual. O acesso à praia realiza-se pela margem de uma linha de água e, na parte final, por pequena calçada e escadaria escavada na rocha.



Fig. 4. — Ribeira da Sachola 2

Espólio: Não se identificaram materiais na área para além dos entulhos/lixos recentes.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 2: Ribeira da Sachola 2

Concelho: Sesimbra / **Freguesia:** Sesimbra / **Lugar:** Lagoa de Albufeira.

Coord: M:109818.79; P: 170990.40 / **Altitude:** 47 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 453.

Tipo de Sítio: Povoado (?)

Período Cronológico: Mesolítico (?)

Descrição do sítio: Paisagem urbanizada uma vez que o sítio se encontra numa estreita faixa de terreno entre a estrada municipal e os aldeamentos da Lagoa de

Albufeira (Fig. 4). Apresenta muita vegetação rasteira. A área onde se identificaram alguns materiais líticos é bastante plana. Sem vestígios de estruturas.

Espólio: Lascas de sílex; seixos de quartzito talhados.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 3: Ribeira da Sachola 3

Concelho: Sesimbra / **Freguesia:** Alfarim / **Lugar:** Lagoa de Albufeira.

Coord: M:109867 / P: 171538 / Altitude: 34 m / CMP: 1/25000, Fl. 453.

Tipo de Sítio: Concheiro (?)

Período Cronológico: Mesolítico.



Fig. 5.— Ribeira da Sachola 3

Descrição do sítio: O sítio desenvolve-se ao longo de uma plataforma alongada no lado Oeste da Ribeira da Sachola. Apresenta uma densa vegetação rasteira tendo os materiais sido identificados num caminho pedonal. Face a esta situação o local deverá ser reavaliado no verão, altura em que esta área apresenta menos vegetação e permitirá uma melhor visualização dos solos e identificação de materiais arqueológicos (Fig. 5).

Espólio: Lascas de quartzito, lasca de sílex e alguns fragmentos de conchas.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 4: Ribeira da Sachola 4

Concelho: Sesimbra / **Freguesia:** Alfarim / **Lugar:** Lagoa de Albufeira.

Coord: M: 109900 / P: 171218 / **Altitude:** 40 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 453.

Tipo de Sítio: Concheiro (?)

Período Cronológico: Mesolítico.

Descrição do sítio: O sítio desenvolve-se ao longo de uma plataforma alongada no lado oeste da Ribeira da Sachola. Apresenta uma densa vegetação rasteira tendo os materiais sido identificados num caminho pedonal. Face a esta situação o local deverá ser reavaliado no verão, altura em que esta área apresenta menos vegetação e permitirá uma melhor visualização dos solos e identificação de materiais arqueológicos (Fig. 6).

Espólio: Lascas de quartzito, lasca de sílex, fragmentos de cerâmica incaracterística e fragmentos de conchas.

Bibliografia: Inédito.



Fig. 6. — Ribeira da Sachola 4

Sítio 5: Cabeço das Águias 2

Concelho: Sesimbra / **Freguesia:** Sesimbra / **Lugar:** Cabeços da Azóia.

Coord: M: 109299.22; P: 165123.06 / **Altitude:** 132 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 464.

Tipo de Sítio: Achados Isolados.

Período Cronológico: Mesolítico (?)

Descrição do sítio: Esporão com bastante vegetação arbórea (pinheiros), arbustiva e pasto. Tem alguma visibilidade para o lado do mar. Má visibilidade dos solos.

Espólio: Seixos e lascas de quartzito talhadas.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 6: Bico dos Agulhões 1

Concelho: Setúbal / **Freguesia:** Setúbal / **Lugar:** Gruta dos Morcegos.

Coord: M: 123460.18; P: 166115.23 / **Altitude:** 267 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 465.

Tipo de Sítio: Povoado (?)

Período Cronológico: Calcolítico (?) / Idade do Bronze (?)

Descrição do sítio: Vegetação típica da mata mediterrânica com carvalhos e carrascal arbóreo onde predomina a vegetação endémica densa (carrasco, aderno, amoreira, medronheiro, murta...), à excepção da área do caminho. Sem domínio visual. Os materiais arqueológicos foram identificados num caminho de terra batida que dá acesso às pedreiras, nos regos abertos pela chuva. Algumas cerâmicas aparecem fracturadas em conexão (Fig. 7). No meio da vegetação existe maior concentração de pedras que poderão eventualmente corresponder a restos de estruturas ou apenas afloramentos de calcário e brecha da Arrábida.

Espólio: Cerâmica manual. Conchas.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 7: Bico dos Agulhões 4

Concelho: Setúbal/**Freguesia:** Setúbal/ **Lugar:** Gruta dos Morcegos.

Coord: M: 123439.99; P: 165990.35/ **Altitude:** 255 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 465.

Tipo de Sítio: Achado Isolado.



Fig. 7.— Bico dos Agulhões 1

Período Cronológico: Pré-história

Descrição do sítio: Vegetação típica da mata mediterrânica com carvalhos e carrascal arbóreo onde predomina a vegetação endémica densa (carrasco, aderno, aroreira, medronheiro, murta...). No limite da plataforma existem restos de uma pedreira para exploração de brecha da Arrábida, com alguma profundidade sobre o mar. Existem algumas pedras/escombros amontoadas na área virada para o mar, criando uma espécie de terraço. Os materiais arqueológicos foram identificados no bordo da pedreira. Excelente domínio visual sobre o mar.

Espólio: Lasca de sílex.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 8: Casal Novo 2

Concelho: Setúbal / **Freguesia:** Setúbal / **Lugar:** S. Francisco.

Coord: M: 127065.71; P: 175094.92 / **Altitude:** 130 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 454.

Tipo de Sítio: Monumento megalítico (?)

Período Cronológico: Neo-Calcolítico.

Descrição do sítio: Esporão pouco pronunciado sobre o vale. Escasso domínio visual por se encontrar numa área encaixada entre duas linhas de cumeeada. A Norte a Serra de S. Francisco e a Sul outra linha de cumeeada, menor. Por trás desta a ocupar todo o horizonte visual desenvolve-se a Serra de S. Luís. Nas imediações do Casal Novo 1, na parte Este, foram identificados dois esteios (?) de calcário, na vertical e em ângulo, com cerca de 1 m de altura, cada um (Fig. 8). Não parece corresponder a nenhuma estrutura da casa pelo que poderá ser, eventualmente, restos de um monumento megalítico.



Fig. 8. — Casal Novo 2

Espólio: Não se identificaram materiais na área.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 9: Praia da Foz 2

Concelho: Sesimbra / **Freguesia:** Castelo / **Lugar:** Praia da Foz.

Coord: M: 106791.35; P: 165496.88 / **Altitude:** 20 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 464.

Tipo de Sítio: Concheiro.

Período Cronológico: Indeterminado.

Descrição do sítio: Nível de conchas de diferentes tipos, incluindo corais e em bom estado, na arriba, sensivelmente ao mesmo nível que a base das ruínas do Fortim. O sítio encontra-se visível na falésia do lado Oeste. Com bom domínio visual para o mar.

Espólio: Não se identificaram materiais na área.

Bibliografia: Inédito.

Sítio 10: Gruta de Santa Margarida

Concelho: Setúbal / **Freguesia:** S. Lourenço / **Lugar:** Lapa de Santa Margarida.

Coord: M: 125508 / P: 167310 / **Altitude:** 5 m / **CMP:** 1/25000, Fl. 465

Tipo de Sítio: Gruta natural.

Período Cronológico: Indeterminado.

Descrição do sítio: Caverna cársica constituída por uma grande sala e outras mais pequenas, anexas. A entrada encontra-se directamente virada para o mar, sensivelmente a Este. Para o lado Oeste encontra-se uma encosta de declive

acentuado e vegetação muito densa. Junto à gruta encontra-se um cruzeiro parcialmente encoberto pela vegetação, a NE, junto ao caminho de acesso. Nas salas interiores existem várias gravações com nomes e datas o que demonstra que este local é do conhecimento da população e visitado desde o séc. XIX. À entrada da gruta existe um pequeno átrio, com muro sobre o mar. O acesso faz-se por degraus. No interior, na sala grande, existe uma pequena capela e restos de outras estruturas, inscrições modernas nas paredes. A sala grande está aberta para o mar, no lado Sul da entrada.

Espólio: Não se identificaram, agora, quaisquer materiais arqueológicos.

Bibliografia: Memórias Paroquiais.

Sítio 11: Gruta do Médico

Concelho: Setúbal / **Freguesia:** S. Lourenço / **Lugar:** Mata do Solitário.

Coord: M: 124575 / P: 167160 / Altitude: 250 m / CMP: 1/25000, Fl. 465.

Tipo de Sítio: Gruta natural.

Período Cronológico: Indeterminado.

Descrição do sítio: Esta cavidade apresenta uma pequena entrada, tipo abrigo, desenvolvendo-se a gruta em profundidade por onde se acede por uma pequena abertura (Fig. 9). No meio de blocos de diferentes dimensões que se encontram na encosta encontram-se inúmeros fragmentos de cerâmica (manual e de roda). A gruta localiza-se na encosta virada para o mar; abundante vegetação rasteira e arbustiva.

Espólio: Cerâmicas manuais e de roda de cronologia indeterminada.

Bibliografia: Inédito.



Fig. 9. — Gruta do Médico

Sítio 12: Gruta do Valongo

Concelho: Setúbal / **Freguesia:** S. Lourenço / **Lugar:** Valongo.

Coord: M: 127178 / P: 169977 / **Altitude:** 349 m / **CMP:** 1/25000; Fl. 465.

Tipo de Sítio: Gruta natural.

Período Cronológico: Indeterminado.

Descrição do sítio: Esta cavidade apresenta uma entrada, em poço vertical, com cerca de 5 m de profundidade e um diâmetro, da boca, de cerca de 2 m. Tem aparentemente desenvolvimento em profundidade, que não se explorou, por falta de apoio técnico. A entrada situa-se mesmo á beira da EN 379-1, no meio da vegetação relativamente abundante e fechada (Fig. 10).

Espólio: Identificaram-se dois fragmentos de cerâmica de roda e ossos de animais. Atendendo à proximidade ao povoado do Valongo é possível que tenha ocupações antigas.

Bibliografia: Inédito.



Fig. 10.— Gruta do Valongo

Sítio 13: Murteira

Concelho: Setúbal / **Freguesia:** S. Lourenço / **Lugar:** Murteira.

Coord: M: 126817 / P: 170002 / Altitude: 410 m / CMP: 1/25000, Fl. 465-454.

Tipo de Sítio: Povoado de altura.

Período Cronológico: Calcolítico/ Idade do Bronze.

Descrição do sítio: O povoado parece desenvolver-se ao longo de um cabeço alongado, quase em forma de sela. Aparenta ter restos de eventual muralha, nas cotas 380/390, que rodeia o cabeço de forma mais ou menos visível. Esta estrutura é constituída por pedras de calcário de pequena a média dimensão e, nalguns locais, aproveita as cristas de afloramentos naturais. Dada a aparente dimensão do sítio optámos por retirar um conjunto de coordenadas para delimitar em polígono. Apresenta abundante vegetação rasteira e arbustiva o que impediu uma correcta visualização dos solos e melhor identificação de materiais arqueológicos (Fig. 11).

Espólio: Fragmentos de cerâmica manual – alguns deles com uma cor acinzentada que indicia, eventualmente, a presença de metalurgia.

Bibliografia: Inédito.

3. NOVAS PERSPECTIVAS

Em traços gerais, com base nos dados existentes para o povoamento desta área verifica-se que existem grandes contrates, em termos de registo arqueológico. Apesar da informação existente não nos permitir aferir cronologias muito finas, uma vez que estamos a trabalhar essencialmente com dados de superfície que ou por serem escassos, ou por serem incaracterísticos, não permitem grandes extrapolações. Mas em contrapartida a concentração/ausência de vestígios no



Fig. 11.— Povoado da Murteira

espaço em análise permite elaborar um esboço da ocupação deste vasto território pelas comunidades humanas num largo espectro de tempo, compreendido *grosso modo* entre o Mesolítico e o Bronze final. Os trabalhos realizados nos últimos anos, têm vindo a confirmar a existência de um povoamento em áreas bem definidas do ponto de vista cronológico.

Para o Mesolítico, temos uma ocupação junto ao litoral sob as arribas ou dunas e em ambiente estuarino. Nas áreas litorais em particular nas arribas entre o Cabo Espichel e a Lagoa de Albufeira, regista-se a presença de concheiros, ou mais exactamente acumulações de conchas, embora nem sempre associada a indústria lítica; por outro lado ocorre um número significativo de sítios com a presença de líticos, maioritariamente restos de talhe, um pouco dispersos por este território. Aparentemente estes dois tipos estão associados ao Mesolítico, podendo traduzir diferentes usos dos espaços. Na realidade, as grandes acumulações de conchas associadas aos concheiros do Tejo e do Sado parecem-nos estar associadas às necrópoles, não nos parecendo evidente, no estado actual dos nossos conhecimentos, que os vivos partilhassem o mesmo espaço. A presença ou a ausência de conchas poderá ser a chave para a compreensão da funcionalidade e diferenciação dos sítios.

As estações da Amieira (Cardoso 2000; Cardoso e Carvalho 2008) e as da Ribeira da Sachola 1, 2, 3 e 4 (AAVV 2009; Rocha e Fernandes 2012b), implantadas em topos alongados sobre a Ribeira da Laje e a Ribeira da Sachola, respectivamente, com cotas entre os 30 m e os 50 m, e a cerca de 1 km da costa actual, vêm comprovar a existência de um povoamento, sem conchas/ou com escassas conchas) associada ao Mesolítico em áreas estuarinas e muito ligadas aos recursos marinhos, como é habitual.

Encontra-se ausente, por enquanto, a identificação dos sítios de necrópoles destas comunidades que poderão estar encobertos pela dinâmica litoral, destruídos pelas urbanizações ou, eventualmente, devido á especificidade desta área, encontrarem-se também em grutas.

O Neolítico antigo encontra-se presente, essencialmente nas encostas mais suaves ou em vastas plataformas, a menos de 5 km da costa. O povoamento do Neolítico antigo encontra-se presente em sítios como a Fonte de Sesimbra (Soares, *et al.* 1979; AAVV 2009), Lagão, Casal do Meio, Roça do Casal Meio 6 (AAVV 2009), Pinheirinhos (Silva e Soares 1986) ou Casal da Cerca, em Palmela (Soares 2003). Nestes sítios recolheram-se algumas cerâmicas decoradas (impressa, incisa e plástica) e pedra lascada. Por se tratar de trabalhos de prospecção, (com excepção do Casal da Cerca) desconhecem-se as características dominantes destes locais em termos artefactuais e de exploração dos recursos mas, em qualquer dos casos, a maioria destes sítios não se implanta sob a linha de costa, privilegiando as áreas interiores, junto a nascentes e linhas de água.

Apesar dos escassos dados que dispomos sobre o período seguinte, em termos gerais, o Neolítico médio, parece possuir aqui uma ligação ao mar estando a sua presença comprovada no povoado do Pontal (Cardoso 2000). Foram recentemente identificados alguns sítios abertos, sem condições naturais de defesa e implantados sob a linha de costa apontando para uma exploração de recursos de cariz marítima que poderão pertencer a este período (AAVV 2009). Sob a praia das Bicas, o Arneiro das Bicas 1, onde se recolheram fragmentos de cerâmica manual, seixos talhados, sílex e elementos de mó (movente e dormente em arenito); a Foz do Paraíso 1 e 2 onde se identificaram dispersos, por duas áreas paralelas, fragmentos de cerâmica manual, restos de talhe em sílex e lascas de quartzo e sílex. Apesar de entre os dois sítios existir uma faixa onde não se recolheu qualquer material (por isso estar designado por 1 e 2) consideramos que, possivelmente, poderá tratar do mesmo povoado, dispersando-se os vestígios por uma área extensa.

Na vertente litoral oeste de Sesimbra, verifica-se uma disparidade acentuada entre a abundância de artefactos de pedra lascada face a um registo, muito pontual, de pedra polida, de elementos de mó e de cerâmicas. Este facto, parti-

cularmente no que se refere às cerâmicas poderá estar associado a processos tafonómicos, por hora mal conhecidos, não podendo esquecer que estamos a trabalhar com dados de recolhas superficiais que devem ser avaliados e analisados com as devidas reservas.

Do Neolítico final conhece-se uma rede de povoamento que apresenta algumas semelhanças com o interior alentejano, com povoados abertos e/ou, localizados em áreas com boas condições naturais de defesa.

O povoado do Alto do São Francisco bem como a primeira fase de ocupação do povoado do Zambujal (Silva e Soares 1986) são povoados abertos, implantados em áreas com boas condições naturais de defesa. Outros, como os Prados ou Ouriços (AAVV 2009) situam-se em zonas baixas justificada certamente pela fertilidade dos solos e integrados numa “rede de povoamento” que se vai tornando cada vez mais complexa.

Em termos de necrópoles, verifica-se uma quase exclusiva utilização das grutas naturais desta área, para além da construção de alguns hipogeus. Monumentos megalíticos apenas se conheciam um (comprovada por escavações arqueológicas), a Roça do Casal do Meio, não obstante o registo, na toponímia local, o termo “Anta” que nos sugeria a existência deste tipo de monumentos. No decorrer deste trabalho foi identificado outro provável monumento megalítico, Casal Novo 2 (Rocha e Fernandes 2012b).

É também neste período que surgem as primeiras ocupações funerárias melhor caracterizadas (Fernandes 2011), como as inumações da camada vermelha da Lapa do Fumo (Marques e Silva 2009; Serrão 1978a), na Lapa do Bugio (Cardoso 1990; 1991; 1992; Silva 2002; Marques e Silva 2009; Silva e Marques 2009) e se realizam os primeiros enterramentos nos hipogeus da Quinta do Anjo (Soares 2003). A maior parte destes sítios de necrópole tem uma longa diacronia de utilização.

No Calcolítico inicial/pleno o padrão de povoamento identificado na Arrábida demonstra, mais uma vez, grandes afinidades com outras áreas regionais, ao privilegiar implantações em locais elevados e com boas condições naturais de defesa acrescidas da construção de sistemas defensivos (muralhas). Esta fase está bem representada na ocupação inicial do Outeiro Redondo, em Sesimbra cujas escavações atestaram a presença do “copo” canelado (Cardoso 2000; 2009; 2010) o que integra este sítio na fase inicial do Calcolítico estremenho, onde o domínio visual das áreas circundantes e em particular o aparente controle de áreas de passagem parece ser a principal preocupação desta rede de povoamento que se mantém no Calcolítico pleno. As cronologias obtidas para este povoado apontam para uma ocupação entre 2800 a 2200 a.C. Esta cronologia corresponderá igualmente à ocupação do Pedrão, eventualmente abandonado aquando da fundação do povoado da Rotura (Soares e Silva 1975) já no Calcolítico pleno, tal como Chibanes.

Já no Calcolítico final, o modelo do povoamento torna a alterar-se parecendo verificar-se o regresso aos modelos existentes, na Arrábida, no Neolítico final (Cardoso 2000). Esta fase é acompanhada pela cerâmica e decoração campaniforme, que está representada nos contextos funerários, marcando *grosso modo* as derradeiras utilizações quer das grutas naturais quer das artificiais, da Arrábida.

O povoamento do Bronze, na Arrábida, continua a ser bastante escasso nesta área. Em Sesimbra parece resumir-se ao Risco (AAVV 2009) completado com descobertas isoladas como os machados das Pedreiras e de Alfarim, pela presença das cerâmicas de ornatos brunidos do Fumo e ainda pela Roça do Casal do Meio (Cardoso 2005; Harrison 2007; Spindler *et al.* 1973-1974).

Recentemente, as signatárias identificaram dois novos sítios que, aparentemente, poderão ter uma ocupação deste período atendendo às suas implantações, o povoado do Valongo e do Bico dos Agulhões 1. Naturalmente

que só a realização de escavações poderá vir a conformar esta cronologia, não obstante as recentes recolhas de superfície (cerâmicas) o indicarem (Rocha e Fernandes 2012b).

Regra geral, a arqueologia portuguesa tem assistido a períodos de grande dinâmica e a períodos de recessão, ou mesmo regressão. Mas, paulatinamente, com os novos dados que vão surgindo, vamos conseguindo preencher os espaços vazios da nossa Pré-história.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2009): *O tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra.
- BARROS, L. e SANTOS, P.E. (1997): “Gruta artificial de São Paulo”. *Setúbal Arqueológica* 11-12: 217-220.
- GONÇALVES, L., CALADO, M., FERNANDES, R. e ROCHA, L. (2011): “Nova Carta Arqueológica de Sesimbra”. *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*. Cascais: 165-172.
- CARDOSO, J.L. (1990): “A Lapa do Bugio”. *Sesimbra Cultural* 0: 15-34.
- CARDOSO, J.L. (1991): “Sobre os ídolos de calcário – «pinhas»- do calcolítico da Estremadura – Algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio”. *Sesimbra Cultural* 1: 6-14.
- CARDOSO, J.L. (1992): “A Lapa do Bugio”. *Setúbal Arqueológica* IX-X: 89-225.
- CARDOSO, J.L. (1994): “O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas”. *Sesimbra Cultural* 4: 5-12.
- CARDOSO, J.L. (2000): “Na Arrábida, do Neolítico antigo ao Bronze final”. *Trabalhos de Arqueologia. Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* 14. Lisboa: 45-70.
- CARDOSO, J.L. (2005): “A Pré-história de entre Sado e Tejo”. *Actas do I Seminário de Paleontologia e arqueologia do Estuário do Sado*. Lisboa: 11-42.
- CARDOSO, J.L. (2009): “Outeiro Redondo”. *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: 154-155.
- CARDOSO, J.L. (2010): “O povoado calcolítico de Outeiro redondo (Sesimbra). Notícia preliminar”. *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e. Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Cascais: 67-130.
- CARDOSO, J.L. e CARVALHO, A.F. (2008): “A Gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português”. *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras* 16. Oeiras: 269-300.

- CARDOSO, J.L. e CUNHA, A.S (1995): *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra.
- CARDOSO, J.L. e SOARES A.M. (1995): “Sobre cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa”. *Al-Madan* (2ª série) 4: 10-13.
- CARVALHO, A.F. (1998a): “O Abrigo da Pena d’Água (Rexaldia, Torres Vedras), resultado dos trabalhos de 1992-1997”. *Revista portuguesa de Arqueologia*. 1 (2): 39-72.
- CARVALHO, A.M.G. (1968): *Contribuição para o conhecimento geológico da Bacia Terciária do Tejo. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal* 15. Lisboa.
- COSTA, A.C. (1708): *Corografia Portuguesa*. Lisboa.
- DAVEAU, S. (1980): “Espaço e tempo. Evolução do Ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos Pré-Históricos”. *Clio* 2: 13-37.
- DAVEAU, S. (1985): *Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes Térmicos*. Lisboa.
- DINIZ, M. (1994): *Acerca das cerâmicas do Neolítico antigo da gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*, (Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica inéditas. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- DINIZ, M. (2009): “Ainda antes do 4º milénio a.C: As práticas simbólicas das comunidades neolíticas, no ocidente peninsular”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17: 157-174.
- DINIZ, M. e GONÇALVES, V.S. (1993-94): “Actividade arqueológica em Portugal na 2ª metade de século XIX”. *O Arqueólogo Português* (4ª série) 11-12: 176-187.
- DUARTE, C. (1998b): “Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo. Contexto cronológico e espaço funerário”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (2): 107-118.
- DUARTE, C. (2003): “Bioantropologia, Paleoecologia humana e arqueociências. Um programa multidisciplinar para a arqueologia sob tutela da Cultura”. *Trabalhos de Arqueologia* 29: 263-296.
- FERNANDES, R. e ROCHA, L. (1999): *Relatório de progresso do PNTA “Investigação Arqueológica no concelho de Sesimbra*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.

- FERNANDES, R. e ROCHA, L. (2000): *Relatório de progresso do PNTA "Investigação Arqueológica no concelho de Sesimbra*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FERNANDES, R. e ROCHA, L. (2001): *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados na Gruta dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FERNANDES, R. e ROCHA, L. (2008): "Intervenção arqueológica na Lapa dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (2): 29-40.
- FERNANDES, R. e ROCHA, L. (2010): *Lapa do Sono (Sesimbra)*, (Relatório inédito. IGESPAR.) Lisboa.
- FERNANDES, R. (2011): *Da Arrábida ao Alentejo Central, o contributo das grutas no contexto da pré-história*, (Tese de Mestrado inédita. Universidade de Évora). Évora.
- GONÇALVES, V.S. (1966): "O Castro Pré-histórico da Rotura: novos elementos para o seu estudo". *Lucerna* 5: 476-511.
- GONÇALVES, V.S. (1970): "Sobre o Neolítico na Península de Setúbal". *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 407-421.
- GONÇALVES, V.S. (1971): *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Setúbal.
- HARRISON, R.J. (2007): "A revision of the late Bronze Age: burials from the Roça do casal do Meio (Calhariz), Portugal". *Beyond Stonehenge: Essays on the Bronze age in honour of Colin Burgess*. Oxford: 65-77.
- LEISNER, G. e V. (1959): *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin.
- MARÇAL, F. e MARTINS, F. (2005): "A Arrábida: um olhar por dentro e por fora. Geomorfologia, geologia e biologia da região da Serra da Arrábida". *Paleontologia e Arqueologia do estuário do Tejo. Actas do I Seminário*. Lisboa: 111-123.
- MARQUES, R. e SILVA, A.M. (2009): "Espólio Antropológico do Concelho de Sesimbra". *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: 148-151.
- MEDEIROS, C.A. (1987): *Introdução à Geografia de Portugal*. Lisboa.
- MONTEIRO, R., ZBYSZWSKI, G. e FERREIRA, O.V. (1967): "Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia)". *Revista de Guimarães*. 77 (3-4): 323-328.

- MONTEIRO, R., ZBYSZWSKI, G. e FERREIRA, O.V. (1971): “Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio”. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, vol. 1. Coimbra: 107-120.
- MURRIETA, P.A., WHEATLEY, D. e GARCÍA SANJUÁN, L. (2011): “Antes de los mapas: navegación y orientación terrestre en la Prehistoria Reciente Ibérica”. *Revista PH* 67: 85-88.
- ODRIZOLA, C., HURTADO, V., DIAS, M.I. e VALERA, A.C. (2008): “Produção e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 3: 45-52.
- ODRIZOLA, C. (2009): “Análisis de Procedencia de Campaniformes y una cuenta de collar”. *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: 156-159.
- REAL, F.C. de S. (1987): *Notícia explicativa da Carta Geológica. Atlas Ambiente*. Lisboa.
- RIBEIRO, C. (1866): A Descrição do solo quaternário das bacias hydrographicas do Tejo e Sado. Lisboa.
- RIBEIRO, O. (1937): “A Arrábida: Esboço geográfico”. *Revista Faculdade de Letras de Lisboa*. 4 (I): 2-131.
- RIBEIRO, O. (1998): *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de relações geográficas* (7ª ed.). Lisboa.
- ROCHA, L., CALADO, M., FERNANDES, R. e GONÇALVES, L. (2008): *Carta Arqueológica de Sesimbra. Relatório de progresso 2007*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- ROCHA, L., CALADO, M., FERNANDES, R. e GONÇALVES, L. (2009): *Carta Arqueológica de Sesimbra. Relatório de progresso 2008*, (Relatório inédit., IGESPAR). Lisboa.
- ROCHA, L., CALADO, M., FERNANDES, R. e GONÇALVES, L. (no prelo): “Paysages et environnements littoraux dans la préhistoire de Sesimbra, Arrábida. Portugal”. *Landscape Evolution & Geoarchaeology* (Porto Heli, Grécia, Junho de 2008).
- ROCHA, L. e FERNANDES, R. (no prelo): “Carta Arqueológica de Sesimbra. Resultados do 1º ano de trabalhos de campo”. *II Encontro de Arqueologia da Arrábida* (Setúbal, Novembro de 2007).
- ROCHA, L. e FERNANDES, R. (2009): *Carta Arqueológica de Sesimbra. Relatório final do projecto 2009*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- ROCHA, L. e FERNANDES, R. (2012a): “Coast People, interior people ... trade or breaks?”. *Actas del I Symposium Internacional “Gentes del Mar. Historia y Arqueología en el litoral del Arco Atlântico”*. Oviedo: 327-331.

- ROCHA, L. e FERNANDES, R. (2012b): *Estudo do povoamento da Serra da Arrábida e área envolvente: contributo para o seu conhecimento na Pré e Proto-história. Relatório das Prospeções Arqueológicas realizadas em 2011*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- SERRÃO, E. (1958): “Cerâmica Proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos”. *Zephyrus* I: 176-186.
- SERRÃO, E.C. (1967): “As grutas A e B do Forte do Cavalo”. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra* I: 76-93.
- SERRÃO, E.C. (1970): “As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo”. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, vol. II. Lisboa: 271-307.
- SERRÃO, E.C. (1971): “Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra)”. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol I. Coimbra: 121-142.
- SERRÃO, E.C. (1975): “Contribuições arqueológicas do sudoeste da Península de Setúbal”. *Setúbal Arqueológica* 1: 199-225.
- SERRÃO, E.C. (1978a): “A Lapa do Fumo”. *Aspectos e métodos da Pré-História*. Porto: 27-45.
- SERRÃO, E.C. (1978b): “Primeiras contribuições para uma periodização do Neolítico e do Calcolítico da Estremadura Portuguesa”. *Aspectos e métodos da Pré-História*. Porto: 17-25.
- SERRÃO E.C. (1979): “Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português”. *O Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto: 147-182.
- SERRÃO, E.C. (1994): *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra: desde o vilafranquiano médio até 1200 d.C.* Sesimbra.
- SERRÃO, E.C. e MONTEIRO, R. (1959): “Estação Isabel (necrópole pré-histórica da Azóia)”. *I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I. Lisboa: 407-429.
- SILVA, A. (2002): *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Portuguesas (Litorais) do Neolítico Final / Calcolítico*, (Dissertação de Doutoramento inédita. Universidade de Coimbra). Coimbra.
- SILVA, A.M. e MARQUES, R. (2009): “Lapa do Bugio: Os dados antropológicos”. *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: 142-147.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1983): “Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém)”. *O Arqueólogo Português (4ª série)* I: 63-88.

- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1986): *Arqueologia da Arrábida*. Coleção Parques Naturais 5. Setúbal.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1997): “Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996”. *Estudos Orientais* 6: 33-66.
- SOARES, J. (2003): *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal.
- SOARES, J. (2010): “Mesolithic complex hunting-fishing-gathering societies of Southern Portugal in a changing way to the Neolithic world”. In P. Arias e M. Cueto (eds.): *The Eighth International Conference on the Mesolithic in Europe*. Santander: 196.
- SOARES, J. e SILVA, A.T. (1975): “A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal”. *Setúbal Arqueológica* 1. Setúbal: 53-154.
- SOARES, J., SILVA, C.T. e BARROS, L. (1979): “Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana)”. *Setúbal Arqueológica* 5: 47-65.
- SPINDLER, K., CASTELLO BRANCO, A., ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. (1973-1974): “Le monument à cupole de l’Age du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz)”. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 57: 91-154.
- VASCONCELOS, J.L. (1913): *As religiões da Lusitânia*. Lisboa.
- ZILHÃO, J. (1995): “Primeiras datações absolutas para os níveis neolíticos das Grutas do Caldeirão e da Feiteira: Suas implicações para a cronologia da Pré-História do sul de Portugal”. In M. Kunst (coord.): *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica. Trabalhos de Arqueologia* 7. Lisboa: 113-122.
- ZILHÃO, J. e CARVALHO A.F. (1996): “O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: Crono-estratigrafia e povoamento”. *I Congrès del Neolítico a la Península Ibèrica*. Barcelona: 659-671.

SITES: Memórias paroquiais de 1758 (Azeitão/Sesimbra), vol. 5, nº 68: 961-974 <<http://digitarq.dgarq.gov.pt?ID=4239121>>